

QUANDO PUBLICAR É TAMBÉM RESISTIR

Mônica Nogueira | Universidade de Brasília (UnB)

Editora-chefe da Revista de Estudos em Relações Interétnicas (Interethnica).

Orcid: [0000-0002-4541-7008](https://orcid.org/0000-0002-4541-7008)

E-mail: celeida@unb.br

Os últimos dois anos foram bastante desafiadores. A pandemia causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2 (ou Covid-19) e suas variantes implicou em adoecimentos, perdas irreparáveis, isolamento físico e nos lançou em um longo período de incertezas sobre o futuro. Ao lado da pandemia, as ofensivas contra a democracia no Brasil, a deterioração das políticas públicas, inclusive aquelas dirigidas à promoção da ciência e das instituições públicas de ensino superior, aprofundaram a insegurança que passou a caracterizar os anos 2020 e 2021.

O anúncio recente de fechamento de importantes revistas científicas brasileiras, algumas com mais de 20 anos em funcionamento, dá a dimensão da situação precária em que se encontram os periódicos científicos brasileiros. Em manifesto conjunto, publicado em junho de 2021, a Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC) e outras importantes associações científicas alertam para os graves riscos à ciência e à sociedade, na persistência dessa política de desinvestimento aos periódicos científicos no Brasil¹.

A gestão editorial da Revista de Estudos em Relações Interétnicas – Interethnica foi transmitida ao Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (PPG-PCTs) nesse mesmo período. Apesar das adversidades, a mudança foi percebida pela comunidade do programa como uma oportunidade e assim celebrada. Mas as dificuldades foram sentidas e explicam a demora na publicação deste número e do dossiê Resistência Afro na América Latina. Sem financiamento e tendo os efeitos da pandemia alcançado diferentes elos da rede de produção do periódico - fosse

¹ Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/entidades-se-manifestam-sobre-a-situacao-dos-periodicos-cientificos-brasileiros/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

pelo adoecimento, a sobrecarga e o esgotamento (físico e mental) das pessoas envolvidas no processo -, os atrasos foram recorrentes.

A publicação deste número representa, portanto, uma vitória. Ainda que o processo de produção tenha sido atravessado por situações desafiadoras, geradoras de insegurança e estresse, o resultado demonstra a importância do esforço coletivo e solidário entre pessoas: editoras, organizadoras e autoras. A superação dos desafios para a consecução desta publicação não teria sido possível, não fosse a boa vontade entre os envolvidos. O compromisso comum com a produção e a divulgação dos conhecimentos relativos às insurgências operadas na América Latina, para a afirmação de direitos, da história em termos próprios e da diversidade das formas de viver e conhecer das populações afrodescendentes (e outras) no continente, sem dúvida, sustentou essa aliança.

O apoio institucional da Universidade de Brasília (UnB), por meio da Biblioteca Central (BCE), foi igualmente fundamental, especialmente em face da ausência de políticas de incentivo aos periódicos científicos nesses últimos anos. O assessoramento na transição entre gestões editoriais e, sobretudo, a disposição para a escuta atenta às dificuldades enfrentadas pela nova Comissão Editorial da revista e para a colaboração na busca de alternativas que permitissem a continuidade da *Interethnica*, jogaram um importante papel para que pudéssemos colocar este número disponível ao público leitor.

Com a transmissão da gestão da revista para o PPG-PCTs – mais conhecido pelo seu Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (Mespt) - muda o projeto editorial da *Interethnica*. Dentre as mudanças, destacam-se: (a) a recepção de uma maior diversidade de textos de natureza acadêmica, como conferências, entrevistas, ensaios visuais, bibliográficos e resenhas de livros e filmes, ao lado de artigos originais; (b) a periodicidade de publicações que passa a ser semestral; e (c) uma mudança de escopo, com atenção às pesquisas empíricas e/ou ensaios teóricos no campo de estudos sobre relações interétnicas e raciais.

Este número é o primeiro sob a gestão do PPG-PCTs que, além do dossiê Resistência Afro na América Latina, integra um conjunto diversificado de outras contribuições intelectuais, pondo em curso uma das mudanças do projeto editorial da revista. Uma conferência (em diálogo), um ensaio fotográfico e uma entrevista registram a disposição da atual Comissão Editorial para ampliar as fronteiras do periódico, dando à *Interethnica* mais plasticidade e dinamismo para assim acolher a inquietude característica (e produtiva) do campo ao qual está referida: o das interações entre povos e sociedades, mas também entre diferentes sistemas de conhecimentos e suas formas de expressão.

O dossiê Resistência Afro na América Latina, por sua vez, focaliza a insubmissão de coletivos afrodescendentes diversos, no presente e no passado do continente, demarcando a mudança de escopo proposta para a *Interethnica*. Desde a sua criação, a revista dedicou-se à divulgação de estudos das relações interétnicas, com foco em povos indígenas das Américas. Sob a gestão do PPG-PCTs, passa a abranger, com igual atenção, outros segmentos implicados em relações interétnicas e raciais, estando também atenta e interessada em estudos, reflexões e práticas de diálogo intercultural e antirracista entre sujeitos de diferentes sistemas de conhecimento.

Significa dizer que, ao lado da crítica permanente às atualizações do colonialismo e de outros mecanismos de opressão (como o racismo) contra povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais e demais coletivos organizados com base na afirmação de diferenças étnicas e raciais, no meio rural ou urbano, a *Interethnica* abre-se para: (a) os estudos sobre as possibilidades e desafios da interculturalidade e (b) para a produção teórica e metodológica orientada pela articulação entre sistemas de conhecimentos (o científico e os chamados tradicionais). Conseqüentemente, a revista abre-se, com especial atenção, à produção intelectual de sujeitos que interpelam a hegemonia da ciência e propõem inovações teóricas, metodológicas e de comunicação do conhecimento científico e intercientífico.

O próprio PPG-PCTs, afinal, é um programa que se estabeleceu como uma iniciativa pioneira de educação intercultural e antirracista no nível da pós-graduação e se realiza

na formação de turmas multiétnicas, incluindo estudantes indígenas, quilombolas, membros de contextos comunitários tradicionais diversos e profissionais aliados. Aposta, portanto, na experimentação como caminho para gestar novas formas de sociabilidade e de produção de conhecimento para o enfrentamento do colonialismo e do racismo – inclusive epistemológico.

O dossiê Saberes Transformativos em Prática na Academia, publicado no último número da *Interethnica*, em 2019, procurou demonstrar o potencial dessas proposições, reunindo artigos relacionados ao Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (Mespt), muitos dos quais de autoria de egressas e egressos do curso. Embora não estivesse em perspectiva, na época de sua publicação, a transmissão da gestão da *Interethnica* para o PPG-PCTs, esse dossiê antecipou algumas das mudanças editoriais que ora se estabelecem na revista.

O presente dossiê Resistência Afro na América Latina é também consonante com essa reorientação da *Interethnica*. Organizado por Osmundo Pinho, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e Luciane Rocha, da *Kennesaw State University* (EUA), o dossiê conta com oito artigos originais, de pesquisadoras e pesquisadores, que se referem a diferentes contextos, das universidades aos quilombos, de sujeitos e coletivos da Argentina, Brasil, Haiti, México e Uruguai. Na Apresentação, os organizadores do dossiê comentam os oito artigos, encadeando-os em uma análise sobre os sentidos diversos da resistência.

As demais contribuições que compõem este número de retomada da *Interethnica* incrementam a diversidade de contextos de pesquisa e de segmentos focalizados. O artigo de Dayse Batista Santos e Francismary Alves Silva analisa o histórico e a mobilização da comunidade cigana de Itabuna, Bahia, por reconhecimento social e pela criação do Dia da Etnia Cigana no município. Maria Angelita da Silva, por sua vez, oferece às leitoras e leitores da *Interethnica* artigo em que caracteriza a educação do povo indígena Xetá, enfatizando suas interfaces com a memória e a identidade, em um contexto de relações interétnicas adversas. Ambos os artigos se referem a pesquisas colaborativas e a



processos de resistência às ofensivas diversas - da produção de estigmas à negação da diferença, da criminalização à expropriação territorial - contra os povos cigano e indígena focalizados respectivamente.

A conferência Águas do Conhecimento: deslocamentos e confluências entre o tradicional e o acadêmico vem, ao lado de outras contribuições, demarcar a diversidade das formas de comunicação do conhecimento que a *Interethnica* passa a acolher, a partir desta edição. Ocorrida em março de 2021, como parte da programação comemorativa pelos 10 anos do Mespt, a conferência pôs em diálogo Geri Augusto, da *Brown University* (EUA), e Célia Xakriabá e Valéria Pôrto, egressas do mestrado. Três intelectuais, duas negras e uma indígena, reunidas com o propósito de provocar a academia a se transformar por meio da interação com outros sistemas de conhecimento. Ou, nos termos de Célia Xakriabá, não apenas a “pensar a ciência, mas a cura do pensamento, a cura da humanidade”, referindo-se aos grandes desafios da contemporaneidade.

O ensaio fotográfico *Mulheres tronco velho do Puris... até onde a nossa memória alcança a história* transporta leitoras e leitores ao cotidiano do povo do Calindó, em referência ao rio que corta o Quilombo Puris, no município de Manga, Minas Gerais. Gente com “sangue indígena e sangue negro”, como tantas outras Brasil adentro, cuja história sugere deslocamentos produtivos às discussões sobre relações interétnicas na constituição de comunidades como a do Quilombo Puris. O ensaio oferece ainda ao público a perspectiva particular das mulheres dessa comunidade, que se definem como “desapocadas”, no sentido de não serem pouco, mas sim mulheres com iniciativa, desembaraçadas, capazes de tomar nas próprias mãos a resolução de seus problemas.

Por fim, na seção Entrevista, Luz María Tena Colunga dialoga com Santos de La Cruz Hernández, escritor e professor indígena de língua Náhuatl, na Cidade da México (México). De forma bastante direta e genuína, Santos de La Cruz Hernández narra sua trajetória pessoal e aborda diferentes temas relativos à vivência de indígenas no contexto urbano: os trânsitos pela universidade, a transmissão das línguas e conhecimentos indígenas, a inserção no mercado.



Assim, artigos, conferência, ensaio e entrevista dialogam com o dossiê que dá título a esta edição, por se referirem também a diferentes formas de resistência - e de re-existência, como afirmam os movimentos sociais. A rigor, a própria retomada da *Interethnica* pode ser entendida como tal. Apesar do desmonte por que passa o país, de tantas perdas e da desesperança à volta, a publicação desta edição reafirma o compromisso do Comitê Editorial da revista com a comunicação de resultados de pesquisa e reflexões sobre as relações interétnicas e raciais, a promoção de intercâmbios intelectuais e a democratização do acesso ao conhecimento (científico e intercientífico), como um posicionamento também político e parte de uma estratégia de transformação da realidade.

